

AMPLIAÇÕES AO ROMANCEIRO DAS ILHAS DOS AÇORES

A investigação das tradições poeticas no archipelago açoriano teve por principal campo de exploração a ilha de Sam Jorge, d'onde era natural o meu fallecido amigo dr. João Teixeira Soares, que, além do valor que ligava a esta ordem de estudos, era muito attendido pelas narradoras populares. Na ilha de Sam Miguel iniciou esta excavação ethnologica o distincto naturalista Francisco de Arruda Furtado, que teve de interromper-se na sua fructuosa tentativa pela vinda para Lisboa, chamado pela sua superior capacidade nos estudos de zoologia. Publicamos hoje alguns dos Romances e Orações populares colligidos na ilha de Sam Miguel por este meu tão illustre patricio, que nos confiara as riquezas da sua messe. Na ilha de Sam Jorge dá-se o nome de *Acuria* aos cantos heroicos tradicionais, designação preciosissima por significar a linguagem arabe vulgar no começo da nacionalidade portugueza, e neste sentido sendo substituída pelo nome de *Romance*, que comprehendia em geral as linguas novo-latinas, empregadas na poesia moderna. Na ilha de Sam Miguel esta forma de romance é designada pelo nome de *Caso*, ao passo que este nome se emprega na ilha de Sam Jorge significando o conto novellesco em prosa. A designação de *Estoria*, com o sentido de tradição popular, como a usava Fernão Lopes no seculo xv, é a que prevalece no Romanceiro da ilha da Madeira. No seculo xiv, segundo o chronista Lopes de Ayala, chamava-se ao canto heroico *Cantar de antigo rimar*; da ideia ou caracteristico da rima, julgamos derivarem as fórmãs de *Rimanco*, usada pelo rei Dom Duarte, de *Rimance*, usada em Vimioso, e *Romance de segundia*, em Miranda. É muito natural que esta designação mimiamente popular derivasse do thema popular de *rima*; porque o *romance*, significando a linguagem românica ou vulgar, só vein a designar a poesia do povo pelo desprezo dos eruditos. A phrase *romance bem rimado*, empregada por Berceo, tem implicita a relação de dependencia da linguagem para a metrica ¹. Da forma poetica especial, a *Decima*, acha-se na ilha de Sam Miguel e no Rio de Janeiro corrente a designação generica da *Decima de Bernal Francez* e *Decima da grande Obra da Creação*. Na epoca de Gonçalo de Berceo existia um genero de canção a vozes chamado *Contrabadura*; sobrevive talvez d'essa epoca a designação de *Trobas* dada pelo povo de Campo de Viboras aos romances, como observou Leite

¹ [É luminosa a relação que o sr. Theophilo Braga estabelece entre *rima* e *rimance*; mas o que eu tenho por mais conforme com os factos glottologicos é que *rimance* viesse de *romance* por influencia da palavra *rima*, pois *rima* não podia morphologicamente dar *rimance*. Estas influencias são vulgares nas linguas; o port. *resposta*, por ex., proveiu de *reposta* (que é a forma classica e ainda popular) por influencia de *responder*; e como este muitos mais factos se podiam ainda citar. — J. L. de V.].

de Vasconcellos. Assim como do conteúdo da narrativa, ou do character da linguagem, ou das fórmulas métricas derivaram os varios nomes da poesia heroica do povo, tambem do modo do canto ou da dança que a acompanha se criaram outras designações egualmente preciosas. No Alentejo, sobretudo em Gáfete e Tolosa, os romances populares chamam-se *Chacoulas*, e em Friellas dava-se o nome de *Chacoima* a uma dança hieratica; com o nome de *Caoma* ha uma dança basca, bem como com o nome de *Duases* se designam no Aragoão os romances. Do modo de recitar vem a phrase de *romance resado*, como usa Balthasar Dias, contraposto a *romance trovado*; é talvez da fórmula da recitação que provém os nomes de *Corrio*, *Corrido* e *Corriola*, que designam os romances recitados de corrida. Se o nome de *Chacoima* tem relação com as antigas canções de *Chacone* (de *Ciccone*, ou dos Cegos cantores da epoca germanica) é natural que o nome de *Jacras*, usado em Duas Egrejas, assim como as *Xacaras* hespanholas do século XVII, proviessem dos *Auques* ou tunantes, como pretendia Dom Francisco de Quevedo? Da musica do romance provém uma designação curiosissima usada nas Asturias; das primeiras palavras do romance typico *Ay un galan d'esta villa* formou-se o verbo *Estarillar*, para designar a recitação de romances tradicionaes. Em muitas d'estas designações do vulgo acha-se implicita a historia da sua evolução poetica.

Hoje, que a tradição se acha em Portugal profundamente explorada, comprehendendo Galliza, Minho e Tras-os-Montes, Beira-Baixa e Extremadura, Alentejo e Algarve, Archipelagos da Madeira e Açores, bem como o seu prolongamento do Brazil, podem-se já determinar quaes os romances fundamentaes conservados no thesouro poetico do nosso povo. Desta determinação precisa resulta o conhecer-se quaes os romances que se perderam, ou que por ventura se podem vir a descobrir. No Ceará e em Pernambuco foi colligido o precioso romance de *Juliana e Jorge*, que faltava na tradição em Portugal; só mais tarde o encontrou Arruda Furtado na ilha de San Miguel, fazendo nós a sua comparação nas *Notas aos Cantos populares do Brazil*. Ultimamente o meu bom amigo Leite de Vasconcellos encontrou esse romance em Campo de Viboras, muito deturpado, mas com relações intimas com o romance das Asturias *El Conite*, que explicam uma certa unidade ethnica hoje totalmente desconhecida. Eis a fórmula de Tras-os-Montes tirada do *Romanceiro portuguez*, n.º VII, de Leite de Vasconcellos:

D. Ausénia

— Apeia-te, ó cavalleiro,
Vamos d'ahi merendar.
«Tu que tens, ó Dona Ausénia
Guardado para me dar?
— Tenho vinho de ha sete annos,

Guardado para te dar.
 «Eu não sei, ó Dona Ausénia
 Se será muito guardar...
 Dona Ausénia, Dona Ausénia
 Que botaste a este vinho?
 — Eu botei-lhe resalgar,
 E pôs de lagarto moído.
 «Oh meus filhos sem ter pae,
 Minha mulher sem marido!
 — Triste de ti Dona Ausénia
 Co'ò teu credito perdido.

Na versão asturiana, ha tambem o vinho envenenado com «la piel de *lagarto vivo*». Transcrevemos aqui pela primeira vez este romance colligido por Menendez Pidal na *Collecion de los viejos Romances asturianos*, pag. 164:

El Convite

— Vengo brindado, Mariana,
 para una boda el domingo...
 «Esa, boda, don Alonso,
 debiera ser conmigo.
 — Non es conmigo, Mariana,
 es con un hermano mio.
 «Siéntate aqui, don Alonso,
 en este escaño florido,
 que me lo dejó mi padre
 para el que case conmigo.

Se sentára don Alonso,
 presto se quedó dormido;
 Mariana, como discreta
 se fué á en jardín florido.
 Tres onzas de soliman,
 cuatro de acero molido,
 la sangre de tres culebras,
 la piel de un lagarto vivo,
 y la espinilla del sapo,
 todo se la echó en el vino.

«Bebe vino, don Alonso,
 Don Alonso, bebe vino.
 — Bebe primero, Mariana,
 que asi está puesto en estilo.

Mariana, como discreta,
 por el pecho lo ha vertido;
 don Alonso, como joven,
 todo el vino se ha bebido:
 con la fuerza del veneno
 los dientes se le han caído.

— Que es esto, Mariana?
 que es esto que tiene el vino?
 «Tres onzas de soliman,
 cuatro de acero molido,
 la sangre de tres culebras,
 la piel de un lagarto vivo,
 y la espinilla del sapo
 para robarte el sentido.
 — Sáname, buena Mariana,
 que me casaré contigo.
 «No puede ser, don Alonso,
 que el corazón te ha partido.
 — Adios, esposa del alma,
 presto quedas sin marido;
 adios padres de mi vida
 presto quedaron sin hijo.
 Cuando salí de mi casa
 salí en un caballo pio,
 y ahora voy para la iglesia
 en una caja de pino.

Em uma Ensalada, em folha volante, de romances da Bibliotheca de Praga, publicada por F. Wolf, apparecem dois versos de um romance vulgar no seculo xvi, mas que não chegou a ser colligido. Esses dois versos, como primeiro notou Menendez Pidal, pertencem ao cyclo de *Juliana e Jorge*, conhecido nas Asturias sob o titulo de *El Concite* (Obr., cit. n.º xxxvii) e na Catalunha com o titulo de *La inno-ble conpuzza*. Eis os dois alludidos versos:

¿ Que me diestes, Mariana
 que me diestes en el vino?

Na versão da ilha de Sam Miguel, que abaixo publicamos, quasi que se repetem:

Que me deste, Juliana
 nesta taça com bom vinho?

Se no seculo xvi o nome da heroína do romance era *Mariana*, então achamos em Gil Vicente referencias á *Moliana*, e nas locuções

populares insulanas ouvimos muitas vezes a phrase *cantar a Moliana* com o sentido de ameaça.

O outro romance açoriano, *O caso de D. Ignez*, merece ser comparado com a versão asturiana *La princesa Isabel*.

Para as fórmãs dialectaes chamamos a attenção de Leite de Vasconcellos, creador d'este capitulo especial da grammatologia portuguesa.

I

O caso de Juliana e Jorge

«Deus te salve, Juliana,
sentada no teu estrado!»
— Deus te salve a ti, D. Jorge,
em cima do teu cavallo!
«Eu venho-te convidar
se queres ir ao meu noivado.»
— Espera-me ahi, D. Jorge,
espera-me um poncachinho,
enquanto te vou buscar
uma taça com bom vinho.—
«Que me deste, Juliana,
nesta taça com bom vinho,
que tenho o freio na mão
não enxergo o cavallinho?»
— Ahi servirá de exemplo
a quem o quizer tomar;
quem deve as honras alheias
comsigo irá pagar.
«Já minha madre o sabe
que não tem o seu menino!»
— Já minha madre o sabe
que eu que não tenho marido.—

(S. Miguel — Ponta Delgada).

II

O caso de D. Ignez

Em Lisboa está Castilla
que á custa de el-rei se fez,
tambem está uma menina
chamada Dona Ignez.

Seu pai não a quer dar ¹
 nem a duque nem a marquez,
 nem a quem tenha dinheiro
 que elle contava num mez.
 Furtou-a um rico Franco,
 furtou-a que assim lhe pesa.
 Ella no meio do caminho
 principiara a chorar.
 «O que tindes D. Ignez,
 que estaes posta a bom chorar?
 Se choraes por pai ou mãe,
 já não os tornaes a ver;
 se choraes por vossos irmãos,
 já os matei todos tres.»
 — Não choro por pai nem mãe,
 nem meus irmãos todos tres,
 que eu a Deus dou este manto
 mais tambem a quem me fez.
 Emprista-me rico Franco
 o teu punhal francez,
 quero descozer barras d'ouro
 que meu pai el-rei me fez.—

Ella pegou no punhal,
 pelos peitos lh'o metterá:
 — Fica-te ali rico Franco
 co'o teu punhal francez,
 que eu já satisfiz a morte
 de meus irmãos todos tres. — ²

¹ Não la quieren dar sur padres — ni por Conde ni Marques... — (*Rom. asturiano*, pag. 350).

² (Como se vê, este romance faz dispensar a lição hespanhola para a comprehensão da peripécia que falta nas versões de S. Jorge, e o verso com que esta é descripta tambem n'essa lição, é rigorosamente feito das mesmas palavras. Isto, o *manto* servindo em ambos de pretexto (o que não é em S. Jorge), e a transplantação de Castilla para Lisboa, apresentam-me a versão michaelense como se descedesse da hespanhola. Não conheço a lição portugueza. As duas versões de S. Jorge parecem uma decomposição alterada da michaelense: em *Dona Ignez* diz-se, como aqui, que o pai não a dava por dinheiro que se contasse num mez, mas, no mais tudo, é esta variante assaz mutilada; no *Dom Franco*, pelo contrario, o cavalleiro paga-a e leva-a, e não ha omissão senão d'aquella passagem clara da punhalada, que lhe dá toda a belleza. A par d'estas considerações, a que dou apenas o valor de notas particulares, devo notar o quanto é perigoso decidirmo-nos sobre a narração de um ou dois individuos, em questões de pequenas omissões ou variantes. No pequeno numero de vezes em que tenho colleccionado já me tem succedido ouvir um romance segunda vez da boca do mesmo individuo com passagens a mais e a menos do que na primeira.

A variante *Dona Iuz* de S. Jorge é excessivamente incompleta: mas a palavra *Monez* (Vae uma seu Monez) parece-me tambem uma forte reminiscencia

III

O caso da Francisquinha

(1.ª versão)

Rosmanino bateu á porta.
 Manjerona: — «Quem está ali?
 Se elle é Bernardo francez,
 a porta lhe vou abrir;
 se é outro em sen logar,
 digo que não quero ir.»
 Ergui-me da minha cama
 em roda do meu fraldique
 e fui á minha cosinha
 accender o meu candil.
 No patim da minha escada
 meu candil se apagou.
 Levei o amor pela mão
 ao jardim do atemil,
 lavei-o de pés e mãos
 na agua do alecrim;
 vesti-o de roupa lavada
 e deitei-o ao pé de mim.
 Era meia noite dada,
 outra meia para vir,
 Bernardo francez não me fala,
 nem se vira para mim;
 ou elle tem dama em França,
 ou lhe dizem mal de mim.
 — Eu não tenho dama em França,
 nem me dizem mal de ti. —
 «Se temes a minha mãe,
 ella não ha-de cá vir;
 se temes a meu pai,
 inda agora vai d'aqui;

da lição hespanhola que acima me pareceu extremamente ligada á nossa versão
 michaelense: lá diz se:

... á un castillo
 que se llamaba *Maquês*.
Que eu a DEUS dou este manto
Costaré fitas al manto
 QUE NO SON PARA FREEZ

Algun uso nupcial primitivo de ofertar as vestes virginaes á divindade ou
 de abandonal-as em cerimonia religiosa? — *F. Arruda Furtado*].

¹ Vid. nota na versão 2.ª

se temes a meus irmãos,
 elles não hão de cá vir;
 se temes a meu marido,
 longes terras 'stá d'aquí;
 peixes do mar que o comam
 e novas me venham a mim.»
 — Não me temo a teu marido
 pois o tens ao pé de ti.
 Não me temo a teus irmãos
 que cambados são de mim,
 não me temo a tua mãe
 que ella é sogra de mim. —
 «Se tu és o meu marido
 eu te quero mais que a mim.»
 — Call'te d'ahi falsa Nera,
 não me estejas liginjando!
 Deixa cá vir a manhá;
 de ouro te hei de vestir,
 hei-te dar saia de gala
 colete de carmezim,
 gargantilha aclarada
 pois tu quizestes assim.

«O' lua que vaes tão clara,
 acaba de amanhecer,
 que a pobre da Francisquinha
 está p'ra ir a morrer;
 quem não tem graça no mundo
 não devia de nascer.»
 — Levanta-te d'ahi p'ra fóra
 que já basta de dormir!
 Vai-te dizer ao coveiro
 que a cova te póde abrir,
 vai-te dizer ao sineiro
 que toque signaes por ti,
 vai dizer a tua mãe
 que te venhar *carapir*;
 vai-te dizer ás vezinhas
 que tomem exemplo por ti,
 que não façam aos seus maridos
 o que me fizeste a mim. —

..... 1
 Sete condes la levavam
 num esquife de marfim.
 2

«Onde vás tu, cavaleiro,
tão cioso vás em ti?»
— Eu vou ver a minha dama
que ha dias eu não a vi. —
«A tua dama é morta,
é morta que eu bem a vi;
aqui levo a pá e o sachó
com que eu a cova lhe abri.»
— Se a minha dama é morta
á cova lhe vou fallar. —
A' entrada da agna benta
pricipiou a solugar.
— Abre-te, campa de flores,
que eu me quero enterrar,
nos braços d'uma querida,
que me quero sepultar! —
«Viva! viva o cavaleiro!
viva pois eu já morri!
Eu 'ston em graça de Deus,
não cuides que me perdi.
Olhos com que te eu mirava,
já de neve eu os cobri;
boca com que te eu beijava,
já de terra eu a encli;
braços com que te abraçava,
já em mim os não sinto.
Mulher com quem tu casares
não lhe queiras mais que a mim,
e filhas que d'ella tiveres
põe-lhe o nome de Francisquinha
p'ra quando chamares por ellas
logo te lembrares de mim.»
— Eu não me quero casar,
que eu vou-me metter de frade
no convento de S. Gil.
Missas que eu disser
serão por mim e por ti.
Quando eu por aquí passar
resarei uma estação
por alma da Francisquinha
que morren sem confissão. —
«Adeus, adeus, vai-te embora,
que me quero despedir,
que os diabos do inferno
já 'stão a puxar por mim!»

(S. Miguel — Ponta Delgada).

IV

Decima de Bernaldo-Francez

(2.ª versão)

«O' Aninas, ó Aninas!
o teu corpo tão gentil!
Abre a porta ao teu amor
como costumás a abrir.»
— Se isso é Bernaldo francez,
a porta lhe vou abrir;
se é outro em seu nome
elle escusa de cá vir.»

Ergui-me da minha cama
em roda do meu fraldico,
fui p'ra minha fuminé
accender o meu candil;
no topo da minha escada
meu candil se apagou;
eu o tornei a accender
elle se tornou a apagar;
ou isto vai de aporfia,
ou alguém me quer matar,
ou isto é Bernaldo francez
que commigo quer brincar.

Peguei na mão ao amor,
levei-o para o jardim,
lavei-o mui bem lavado
na agua do alecrim;
vesti-lhe uma alva camisa,
deitei-o a par de mim.
Era meia noute em pino,
outra que estava p'ra vir.

¹ [Nesta passagem, omitida completamente nas versões de S. Jorge, ha, como se vê, uma perípecia muito natural e complementar. A sua conservação nas versões michaelenses, juntamente com a da passagem essencial do romance de D. Ignez, não ajudará muito a dar a prova decisiva de que o nosso povo conserva melhor a tradição? Mas viriam os Jorgenses d'un grupo de povo continental onde a tradição já estivesse alterada? — Será a maior mobilidade dos seus cantos, a emancipação das peias tradicionaes devida ao elemento flamengó, que sabemos ter uma grande frequencia ali? — *Arrada Furtado*].

«Que tens tu Bernaldo Francez,
 que te não viras pr'a mim?
 Ou tu tens outros amores,
 ou te dizem mal de mim?
 Se tu temes a meu pai,
 elle não ha de cá vir;
 se temes a minha mãe,
 inda agora vai d'aquí;
 se temes a meu marido,
 longes terras está d'aquí,
 mil adagadas leve elle,
 novas me venham a mim.»
 — Eu não temo a teu pai,
 que elle sogro é de mim;
 nem temo a tua mãe
 que ella sogra é de mim. —
 «Pois se tu és meu marido
 quero-te mais que á minha alma.»
 — Cal'te d'ahi falsa traidora
 que isso não vem por ahí;
 vai chamar tuas vezinhas
 que tomem exemplo de ti,
 que não façam aos seus maridos
 o que me fizeste a mim

1

.....
 «Onde vais tu, cavalleiro,
 tão enchido vás em ti?»
 — Vou-me ver a minha amada,
 ha dias que eu a não vi. —
 «A tua amada é morta,
 é morta que eu bem a vi,
 aquí trago pá e enchada
 com que a campa lhe eu abri.
 — Se a minha amada é morta,
 á campa lhe vou fallar...
 Abre-te campa de flores,
 que me quero enterrar. —

«Vive Bernaldo francez,
 vive tu que eu já morri!
 Olhos com que te eu mirava
 já de terra se encheram,

1 Perdeu-se uma parte na memoria individual.

braços com que te abraçava
 já de terra se encubriram;
 boca com que te eu beijava,

Mulheres que tu tiveres
 não lhe queiras mais que a mim.
 filhas que d'ellas tiveres
 chama-lhe Anna como a mim,
 p'ra quando chamares por ellas
 para te lembrares de mim.
 Adês, Bernaldo francez,
 já 'stão puxando por mim.

(S. Miguel — Bretanha).

V

O caso do gato Bella-saude

Eu tinha um gato em casa,
 chamado Bella-saude,
 chegou o gato a um ponto
 que o quiz suster, não pude.

Um dia pela manhã,
 á porta a querer sahir;
 serviço pr'a fazer...
 era comer e dormir.

O meu linho numa meda,
 precisando de amassar;
 o meu milho temporão,
 precisando de abarbar;
 o gato a lamber as unhas,
 era comer e brincar.

Mandei o gato p'r'a terra,
 foi para o mar adanar;
 quando elle a casa chegou,
 muito que o deshonrei;
 p'ra que nós não nos cansemos:
 até *traste* lhe chamei!

1 Outra falta de memoria.

D'ali a pouca 'instança
fui-o achar no quintal
a chorar como uma criança.

Chamei o gato pr'a mim,
p'ra bem de o aconselhar,
desprega-se-me a dizer
que estava para casar.

Pego logo numa tranca
p'ra lhe dar pela barriga,
deu um pulo e fugiu
p'ra casa da rapariga. ¹

VI

Romance de uma pastora

(Freg. do Bom Despacho Velho. — Ilha de Santa Maria)

— Deus te salve, rosa,
lindo serafi!
Pastora tão linda
que faz por aqui?
— Procuro o meu gado
que eu aqui perdi,
há vinte e quatro horas
que eu o não vi.
— Menina, seu gado
eu lhe irei buscar
pela serra fôra,
se lh'o eu achar.
— Senhor, co'o meu gado
não tenha cuidado,
que eu servi a outro
não quero creado.
— Aqui tem seu gado,
que eu já o achei;
que ditoso moço
pr'a ser seu creado!
— Senhor, vá-se embora,

não me dê mais desgosto,
não venham meus amos
trazer-me o almoço.
— Oxalá viessem,
oxalá chegassem!
Aqui nós ambinhos
Aqui nos achassem.
Por altas montanhas
correm grandes rios;
diga-me a menina
se quer vir commigo.
— Senhor, vá-se embora,
não me dê mais pesar,
não venham meus amos
trazer-me o jantar.
— Rosa tão linda
sois impertinente;
elles não são lobos
não comem a gente.
— Senhor, vá-se embora,
não me dê mais pena,

¹ [Estas quadras chistosas são muito conhecidas entre nós e parecem-me uma produção original moderna; mas nenhum indício pude colher. As camponezas, a quem as tenho ouvido, repetem-as como enigma, sem perceberem a allusão clarissima a um filho vadio. — *Arrada Fortado*].

não venham meus amos
trazer-me a merenda.

— Oxalá viessem
oxalá chegassem!
aqui nós ambinhos
aqui nos achassem.
Como vae brilhante
co'um vestido branco,
olhe não o rompa
lá por essa serra.
— Como vae brilhante
com meia de seda,
olhe não não a rompa
por essa resteva.
— Meia e sapatos

quizera eu rasgar,
só para dar gosto
a quem desejar.

— Era tanta gente
em guarda de gado!
já me cá vou
co' o meu namorado.
— Sente-se aqui
não com má tenção,
fallo-lhe a verdade
que sou seu irmão.
— Ai! por tanta chuva!
ai! por tanta calma!
mil perdões te peço
irmão da minha alma.

VII

Fragmento de Romance

Era uma bella pastora
no seu gado a pastar,
dizia ella comsigo,
d'esta maneira fallava:
— De que me serve o dinheiro
Se eu não gosso liberdade?!..

VIII

Outro

— Onde vás tu, Candidinha,
que assim corres tão ligeira?
onde vás tão primorosa,
tão patusca, feiteiceira?
«Onde vou, não me esquecen.
— Attende, Candidinha, attende,
que eu não fallo impostura,
dá-me um ár da tua graça
esses labios de loçura.
— Sou mulher muito doente
doe-me muito este dente.
«Vem p'ra mim tu, Candidinha,

não queiras ser mal criada,
vem usar seda e velludo,
vem ser minha namorada ¹.

.....

IX

Oração de S. José

S. José a caminhar
e mais a Virgem Maria,
tanto andavam de noite
como andavam de dia.

Quando chegou a Belem
já toda a gente dormia.
S. José foi buscar lume
ao monte da Barbara.

Quando S. José chegou
já a Virgem (*sic*) tinha marido. ²
Não nasceu em camas d'ouro
nem em camas de cortina,
foi nascer á mangedoura
d'onde o boi bento comia.
O boisinho bafejava
e a mula descobria!
«Amaldiçoada mula!
não tenhas filho, nem filha!»
Desceu um anjo á terra
rezar uma Ave-Maria;
Ave-Maria rezada.
foi o anjo que assobin
perguntou ao Padre-Eterno
como ficava Maria?
«Ficou coberta de ouro
mais o seu bemdito filho;
o berço com que se embala
é de ouro e de latão.»
Aqui se acaba, senhora,
Vossa santa oração.

¹ Este fragmento parece pertencer a um romance mais extenso no estylo de despique.

² [Deve ser *parido* em vez de *marido*.— J. L. de V.]

Quem esta oração disser
sextas feiras de paixão,
ganhará indulgencias
e cem annos de perdão,
p'ra seu pai e sua mãe,
toda a sua geração.

(S. Miguel — Bretanha).

X

Oração dos pastorinhos

Assubi áquelle outeiro,
áquelle outeiro sagrado,
encontrei tres pastorinhos
cada um co'o seu cajado.
Perguntei ao mais mocinho
por ser mais adoutrinado,
se por aqui tinha passado
Jesus crucificado?
«Sim, senhora, vi passar
antes do gallo cantar;
uma cruz levava ás costas
que o fazia ajoelhar,
com um barço ao pescoço
para mais pena lhe dar.
D'onde vindes vós, senhora,
que vindes tão orvalhada?
— Venho de correr os passos
d'aquella tarde sagrada. —
Sete passos são de Deus
que se corre em devoção,
o primeiro é de lucto,
o segundo de Paixão...
vamos fazer a esmola
á Virgem da Conceição.

(S. Miguel — Bretanha).

XI

O pranto de N. Senhora

Uma quinta, vespera de sexta,
estando a Virgem Mãi Santissima
de seu manto posto,
chegou S. João Baptista
com novas, grandes tristuras:
botou-se a Virgem Mãi Santissima
pelas ruas da amargura: —
«Quem viu por aqui o meu filho,
mais formoso do que o sol,
mais formoso do que a lua,
mais formoso do que as estrellas,
mais formoso do que tudo?»
— Procuraes, senhora, por ventura
um homem que eu vi levar
pelas ruas da amargura?
tanto sangue lhe corria
que a vestidura lhe ia tingindo,
tanta puhada lhe davam
que ora cahido, ora ajoelhado;
mas esforçai, senhora, esforçai,
tanta paixão não tomeis;
por mais que vos avieis,
já vivo o não achareis.
Está pregado n'uma cruz,
meu senhor Jesus Christo;
por uma banda corre agua,
por outra sangue vivo. —
«Meu filho! quem vos fez isso?
foi aquelles falsos traidores?»
— Não senhora, não foram elles,
fui eu que quiz padecer
por salvar os peccadores. —
«Tambem vos eu peço, meu filho,
que salveis os peccadores.»
— Tambem vos eu peço, mãi,
que te deis por condão:
quem este meu pranto disser
tres vezes no dia,
à hora do meio dia,
ou a qualquer hora que lhe lembrar,
eu livrarei de maldição

de pai e de mãe;
na hora da sua morte
as portas do ceu,
achará abertas,
as do inferno
nunca as verá.
Padre-nosso e uma Ave-Maria
à honra de Deus e à Virgem Maria.

(S. Miguel — Bretanha).

Quando nas Orações populares se tem em vista o *poder das palavras*, a metrificacão é sempre sacrificada ao conjuncto da phrase propiciatoria; isto longe de ser uma decadencia da poesia, torna-se o germen para uma elaboracão. ¹

THEOPHILO BRAGA.

¹ Nota sobre o dialecto açoreano. — Os textos que ficão transcritos não revelão de modo completo os caracteres do dialecto açoreano; quem os dietou, ou quem os colleccionou, serviu-se em especial da linguagem litteraria, apenas intermeada aqui e além de um ou outro termo local, como, no caso II: *tíndes* (fórma que tambem apparece no Alentejo, no Algarve e esporadicamente num ou noutro ponto mais); no caso III: *lijinjando* (= lisongecendo), *lei te dar* (= *lei de-te dar* ou *lei-te-de dar*), *carapir* (= carpir); no caso IV: *adés*, (= adeus); no caso V: *instança*, (por *instante*, — aqui parece haver influencia de *instancia*); no caso VI: *seraph* (= seraphim) e *ambinhos* (demin. de *ambos*, — que tambem apparece esporadicamente no continente). Esses textos não são pois dialectologicos, são simplesmente ethnographicos; nem com outra feição os quiz o sr. Th. Braga publicar. — O dialecto açoreano occupa um logar muito distincto e muito accentuado no quadro da nossa dialectologia: assim, na *phonologia* temos que notar o *ö* (cfr. *Rev. Lusit.*, pg. 83 sq.), o *u* sueco (ib., ib.), um *t* especial que se encontra depois do citado *u* e de *ö* e *i*, etc., etc.; na *morphologia* ha, por exemplo, que mencionar *ques* (plur. de *que*: «ques cousas!»), os plur. em *-ales*, *-iles*, etc. de nomes terminados em *-al*, *-il*, etc., muitas fórmas verbaes curiosas, etc.; na *syntaxe* encontrão-se phrases como esta: «a gente *camos*» (vulg. na Extremadura), «querer d'ira», etc.; o *vocabulario* é riquissimo. Este dialecto merece pois um estudo desenvolvido que lhe consagrarei, logo que eu possa, baseando-me para isso em varios documentos mss. e impressos, e em muitos factos que colhi directamente da boca de açoreanos. — Depois de composta esta nota, recebi do sr. Gonçalves Vianna um interessante estudo sobre a phonetica de Ponta Delgada, o qual será publicado no proximo fasciculo da *Rev. Lusit.* — J. L. de V.